



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROBERTA DE SOUZA BOTELHO OLIVEIRA

**O OLHAR DE UMA BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A
FORMAÇÃO CONTINUADA: O EPELLE COMO FORMADOR DE
PROFESSORES AUTORES DE SUAS PRÁTICAS DOCENTES**

Orientadora: Profª Draª Ludmila Thomé de Andrade

Rio de Janeiro

2018



ROBERTA DE SOUZA BOTELHO OLIVEIRA

**O OLHAR DE UMA BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A
FORMAÇÃO CONTINUADA: O EPELLE COMO FORMADOR DE
PROFESSORES AUTORES DE SUAS PRÁTICAS DOCENTES**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra^a Ludmila Thomé de Andrade

Rio de Janeiro

2018



ROBERTA DE SOUZA BOTELHO OLIVEIRA

**O OLHAR DE UMA BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A
FORMAÇÃO CONTINUADA: O EPELLE COMO FORMADOR DE
PROFESSORES AUTORES DE SUAS PRÁTICAS DOCENTE**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 28/03/2017

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dra^a Ludmila Thomé de Andrade (UFRJ)

Prof^a Dra^a Daniela de Oliveira Guimarães (UFRJ)

Prof^a Dra^a Luiza Alves de Oliveira (UFRRJ)

*Aos meus pais, por todo apoio e
pelo amor mais sincero e incondicional que já pude receber.
A todos aqueles que acreditam no trabalho docente como
meio de transformação da realidade em que vivemos.*

AGRADECIMENTOS

Faltam-me palavras, sobra-me sentimentos de gratidão e felicidade neste momento...

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, Rosangela de Souza Botelho e Roberto Audi de Oliveira, por tudo que já fizeram por mim e por serem os principais responsáveis por onde estou hoje: concluindo a graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a melhor universidade do Brasil. Se hoje posso dizer que sou uma conluente do curso de Pedagogia, devo isso a todo o investimento feito em minha formação, desde os meus três anos de idade, sempre buscando uma formação que fosse além do conteúdo, formando-me assim uma cidadã consciente, questionadora e disposta a transformar a realidade daqueles que não tiveram as mesmas oportunidades do que eu, afinal vocês foram a minha primeira inserção na sociedade.

À minha família, por toda a paciência quando precisei negar convites de festas, passeios e reuniões por conta de meus compromissos acadêmicos, provas, seminários e apresentações. Em especial à Rosane Botelho, Aline Botelho, Daniel Botelho, Nilza Botelho e Jorge Antonio (*in memorian*). Vocês são o meu porto-seguro e a certeza de que nunca estarei sozinha neste mundo.

Ao meu namorado Daniel Costa, por todo amor, companheirismo, parceria e paciência, quando o mundo parecia que ia desmoronar nesta reta final. Suas palavras de calma e até os seus puxões de orelha me confortam, porque você acredita na minha capacidade em ser cada vez melhor.

Aos meus amigos, os de dentro e de fora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por todas as angústias, dúvidas, risadas, notas boas e ruins, textos, pacotes de biscoito, cafezinhos, idas ao sujinho, idas ao campinho, filas de xerox e filas do bandejão, papos pelos corredores do palácio e dos módulos. Vocês tornaram essa caminhada muito mais divertida e leve!

A todos os professores que já passaram pela minha vida e aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, principalmente à Prof^a Dra^a Ludmila Thomé de Andrade, minha orientadora e coordenadora durante minha passagem como bolsista de iniciação científica no Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação (LEDUC), por ter visto em mim potencial e capacidade para ser sua

bolsista e por ter contribuído e muito na minha formação enquanto aluna-pesquisadora e companheira em busca de uma educação de qualidade e justa.

Ao Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação, espaço e equipe que me acolheram em 2015 até os dias atuais, onde vivenciei muitos debates, tardes de grupo de pesquisas, reuniões de planejamento, trocas de textos, ideias e onde comemoramos juntas muitas vitórias. Essa é mais uma vitória NOSSA!

A Adriani Pinheiro Freire e Andreza Berti, as primeiras coordenadoras de extensão que acreditaram na minha força de trabalho, mesmo quando eu ainda era uma caloura da faculdade. Vocês foram essenciais para que eu me apaixonasse pela profissão que escolhi exercer.

A todos os professores que participaram do EPELLE e que me fizeram conhecer ainda mais as realidades das escolas públicas, fazendo crescer ainda mais a minha vontade de atuar dentro destes espaços. Levo com carinho dentro do meu coração cada palavra de angústia e conforto trocada em nossos encontros.

À banca examinadora, pela disponibilidade e por propiciar mais este momento de aprendizado e troca.

A todos os funcionários e técnicos, principalmente aos terceirizados do *campus* da praia vermelha, que são companheiros de luta dos estudantes por um espaço de estudo mais digno e por condições de sobrevivência e trabalho mais humana. São guerreiros e sempre nos receberam com um sorriso no rosto, independentemente do horário. Deixo aqui registrado o meu respeito por seus trabalhos e meu muito obrigado por tudo que fazem para que a universidade seja um lugar melhor.

“Grande parte do potencial cultural (e mesmo técnico e científico) das sociedades contemporâneas está concentrado nas escolas. Não podemos continuar a desprezá-lo e a minorizar as capacidades de desenvolvimento dos professores. O projeto de uma autonomia profissional, exigente e responsável, pode recriar a profissão professor e preparar um novo ciclo na história das escolas e dos seus atores.”
(NÓVOA, 1991)

RESUMO

OLIVEIRA, R. S. B. *O olhar de uma bolsista de iniciação científica sobre a formação continuada: o EPELLE como formador de professores autores de suas práticas docente.* UFRJ. Rio de Janeiro, 2018

Os processos de formação continuada que se têm produzido pela Universidade têm sido feitos através de diversos formatos propostos e podem ser pensados pelas pesquisas sobre o tema da formação docente para que sejam oferecidos aos professores cada vez mais produtivamente. A formação de profissionais docentes que atuam nos anos iniciais da Educação Básica constrói-se neste grupo a partir de uma perspectiva autoral, tanto teórica quanto praticamente, ou seja, vimos implementando princípios metodológicos que visam contribuir para a construção do professor autor. A pesquisa que apresento tem caráter etnográfico e tem por objetivo principal descrever os modos como a formação continuada oferecida através dos EPELLE - Encontros de Professores para estudos de Letramento, Leitura e Escrita – têm contribuído para as transformações nas salas de aulas dos professores participantes e na construção da autoria e da alteridade docente. Como bolsista Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC do Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação - LEDUC, ao longo de três anos, tenho acompanhado a organização dos encontros, participado e registrado em áudios e vídeos o que é discutido e auxiliado no registro e produção de materiais. Analiso esses dados, traçando o perfil dos professores que buscam a formação continuada e dos professores que acompanham o EPELLE, instituído desde 2011, com base no conceito de identidade. Quem são os sujeitos que buscam a formação continuada? Por que permaneceram? Qual o grau de valorização deste espaço de interação e troca com seus pares? Como esta formação continuada é elaborada dirigindo-se aos professores que atuam na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, com foco no desenvolvimento da língua (falada e escrita) e no letramento, minha fundamentação teórica calçou-se sobre a linguagem, e nossa escolha foi pela abordagem discursiva, sobretudo com Mikhail Bakhtin e seus conceitos de dialogismo e exotopia. Baseio-me em Nóvoa (1992), Tardif (2002), Andrade (2011), Dubar (2009), Gatti (1996) e Foucault (1969), para sustentar as ideias que apresento, sobre formação continuada, autoria, identidade e alteridade. Sendo assim, esta pesquisa busca dar voz aos professores que muitas vezes são silenciados nas instituições em que trabalham, não podendo trocar ou publicizar suas práticas pedagógicas justamente por serem consideradas inovadoras. Como conclusão, apresento os deslocamentos produzidos pelo EPELLE como curso de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro, acrescentando meu olhar como concludente do curso de Pedagogia, futura professora, sobre a importância da formação continuada.

Palavras Chaves: Formação docente. Autoria. Identidade. Docência.

SUMÁRIO

Introdução.....	p.10
1 – Conhecendo os sujeitos de estudo: o coletivo EPELLE.....	p.12
2 - Metodologia.....	p.16
2.1 O contexto e os dados.....	p.18
3 – Referencial teórico.....	p.23
4 - Da identidade à autoria.....	p.26
4.1 A construção da identidade docentes.....	p.26
4.2 O processo de autoria.....	p.27
4.3 A relação entre a formação continuada e a autoria docente.....	p.29
Considerações Finais.....	p.30
Referências.....	p.32

INTRODUÇÃO

Ao pensar sobre o tema escolhido para este trabalho aqui apresentado, o da formação continuada docente, escolho relatar a minha própria trajetória como aluna da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sou hoje uma professora iniciante, atuando na Educação Infantil, e esta monografia representa um percurso teórico, prático, de pesquisa e extensão, que foi formador da professora que me torno. Por isso, minha biografia vale como solo onde se implantam os conhecimentos que foram adquiridos e que germinarão certamente ao longo de minha carreira docente.

A partir do meu segundo semestre como estudante universitária, em 2013, tive a oportunidade de ser bolsista de extensão da Casa da Ciência, centro de popularização da ciência ligado à UFRJ, localizado na zona sul do Rio de Janeiro, próximo ao *campus* da Praia Vermelha, onde atuei junto à coordenadora Andreza Berti, no projeto “Ciência para poetas nas escolas”, para o qual planejávamos palestras de professores da UFRJ, que eram adaptadas para alunos da Educação Básica das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, a fim de popularizar a ciência. Durante aquele ano, aconteceu a greve dos professores do estado e nossa atuação reduziu-se a apenas duas palestras: uma em uma escola de formação de professores, situada na zona sul do Rio de Janeiro, e outra numa escola pública, no centro de Niterói.

Acompanhei a greve de perto, pois a coordenadora era também professora do estado e dedicava-me a pensar, com os estudos propostos, em como popularizar o que é produzido na Universidade. Crescia dentro de mim a vontade de lutar pela educação pública de qualidade e acessível a todos.

Naquele ano, o projeto foi encerrado, e eu passei a atuar, em 2014, em outro projeto, chamado “Clube dos descobridores” coordenado por Adriani Pinheiro Freire. Este segundo projeto acontecia dentro de um pequeno espaço da Casa da Ciência, composto por quatro computadores, uma grande mesa redonda, uma estante de livros e alguns jogos. As quatorze crianças participantes eram filhas de empregadas domésticas que trabalhavam no entorno da Casa da Ciência e tinham ali um espaço para pesquisas e conhecer novos espaços, já que levávamos as crianças para passeios culturais gratuitos e trabalhávamos com a pedagogia de projetos. Foi ali que entendi a importância da afetividade nas relações pedagógicas, justamente na relação com estas crianças. No “Clube dos descobridores”, a relação entre aluno e professor extrapolava as interações que aconteciam ali. Tornamo-nos amigos que passavam a tarde juntos, trocando conhecimentos e fortalecendo os nossos laços, que se mantêm até hoje. Naquele espaço,

vivendo esta experiência, compreendi que um dos meus compromissos enquanto pedagoga será tornar o ambiente de aprendizagem um espaço onde o professor é detentor do conhecimento, responsável pela ordem, sim, mas antes de mais nada mediador num espaço de troca e parcerias entre alunos e professores, entre professores e professores, e ainda entre alunos e alunos, escola e universidade, ajudando a mostrar que a escola vai além de seus muros, porque ela nos permite sempre agir muito mais além de seu espaço. Em 2015, iniciei como bolsista do Programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e passei a acompanhar e colaborar na organização e planejamento de encontros entre professores alfabetizadores, além de participar das discussões do grupo de pesquisa, inserindo-me nos estudos sobre temas tais quais: formação continuada, práticas discursivas, construção identitária do professor autor e muitos conceitos bakhtinianos novos, alguns dos quais uso no presente trabalho, sendo fonte imprescindível para a minha produção. A análise dos meus registros em caderno de campo, dos áudios transcritos e vídeos visualizados (autorizados pelos professores participantes), faziam crescer minha vontade de compreender as razões pelas quais os professores iam em busca daquele espaço, que a cada ano atraía um público mais amplo, inclusive das redes particulares e sempre presentes os da Educação Infantil.

Passamos a analisar, nas discussões semanais do grupo, vários aspectos, dentre os quais destaco alguns que se revertem em minhas perguntas de pesquisa neste trabalho: O que atraía os professores a estarem presentes naquele espaço? Por que a popularidade do mesmo começou a crescer? Quem eram os sujeitos participantes? Porque alguns permanecem desde 2011? Afinal, qual é a importância da formação continuada, para eles, para nós (da universidade)? Quais são as lacunas da formação inicial que os professores tentam suprir com a formação continuada? A partir destas perguntas, construo meu trabalho que se apresenta a seguir, acrescentando meu olhar de concluinte do curso de Pedagogia e estudante, que atravessou a experiência proporcionada pelo tripé universitário (pesquisa, ensino, extensão), pelos estágios obrigatórios em instituições públicas, que ouviu diversos professores e que hoje trabalha na rede privada, comparando essas vivências que hoje me constituem, num patchwork cuidadosamente tecido.

CAPÍTULO 1

CONHECENDO OS SUJEITOS DE ESTUDO: O COLETIVO EPELLE

O Encontro de Professores para Estudos de Letramento, leitura e Escrita – EPELLE, surge como campo empírico de uma pesquisa-formação intitulada “As (im)possíveis alfabetizações dos alunos de classes populares pela visão de docentes na escola pública”, realizada através do financiamento do Edital do Observatório de Educação (OBEDUC)/Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) coordenada pela Prof^a Dra^a Ludmila Thomé de Andrade entre os anos de 2011 a 2014.

O projeto apresentava como objetivo construir a autoria profissional dos docentes envolvidos e buscava uma entrada qualitativa na escola, por dentro de seu cotidiano, tendo um olhar atento as suas possibilidades discursivas e buscando alterá-las, para melhor, através das escritas docentes e discentes.

Nos quatro primeiros anos de pesquisa, houve um foco direto, planejado, sobre a instituição escolhida para participar, a Escola Municipal Guararapes Cândido, localizada no bairro do Cosme Velho, na zona Sul do município do Rio de Janeiro. A escolha desta escola se deu por esta ter um baixo desempenho no processo de alfabetização dos alunos. Os professores desta instituição foram convidados a participar do espaço do EPELLE, onde passaram a frequentar o processo de formação continuada planejado, para o qual recebiam uma bolsa, prevista no edital do projeto de pesquisa. Sua colaboração e o desenvolvimento de atividades dentro da E.M. Guararapes Cândido com suas turmas deveria ser redimensionada, reestruturada e transformada, em função da formação que seria oferecida. Estes professores eram em número de seis, foram imersos num grupo maior, pois a formação foi oferecida a outros professores também. Esta foi uma decisão metodológica, escrita no projeto de pesquisa:

Além do grupo integral de uma pequena escola, também serão convocados professores que já tiveram contato conosco através de cursos de formação continuada de especialização e cuja relação com a equipe de pesquisa responsável pelo projeto é extremamente positiva. Ao final dos cursos feitos, estes professores tiveram a iniciativa de continuar estudando. Certamente professores de experiências anteriores na formação continuada de alfabetizadores poderão aderir ao grupo de trabalho teórico-prático. No total, teremos 50 professores que fizeram o curso de especialização (pós-graduação lato sensu) a quem fazer o convite, afora os que já fizeram o curso de extensão. A soma destes grupos perfaz um total de 150, aproximadamente e que também serão

convidados. Limitaremos o grupo a 20 profissionais. Após terem aceito o convite e estabelecido-se o grupo, levantaremos a situação de suas escolas em termos de rendimento, de modo a medir anualmente os benefícios da experiência com os professores. O objetivo de chamar este segundo grupo é comparar os efeitos de ter os professores todos de uma mesma escola e professores individualmente comprometidos que até tentam fazer articulações com seus companheiros de mesma escola, mas em geral são mal vistos nesta intenção. Poderemos comparar os benefícios de rendimentos que a formação surtirá em estabelecimentos em que professores procuram a formação individualmente e os que têm todo o grupo participando. (ANDRADE, 2010)

No projeto original apresentado à CAPES, estava previsto que sua participação se daria por meio de algumas ações:

Dentro destes parâmetros, nosso projeto é de assumir a tarefa de uma formação pela prática com o grupo integral de professores de uma escola pequena, que têm a responsabilidade pelos anos iniciais do ensino fundamental. Estes professores estão dispostos a frequentar um grupo de estudos teórico e prático, alternando-se quinzenalmente estas duas vertentes (estudos e análises de experiências), de modo a pensar em práticas de alfabetização inovadoras, que revertam o quadro de fracasso escolar desta escola

Nos encontros com os professores, serão objeto de reflexão pelo grupo suas narrativas de problemas, sendo selecionados os que os deixem paralisados, em sua tarefa pedagógica de ensino da língua. A troca será benéfica por si mesmo, como temos tido experiência, por si, os professores encontrarem-se cara a cara para tratar de questões já será um exercício positivo, mas evidentemente não suficiente para que se desencadeie o desenvolvimento profissional. (ANDRADE, 2010)

A formação consiste em encontros semanais de três horas, no período da noite, no *campus* da Praia Vermelha, onde formadoras¹ ligadas ao Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação (LEDUC) conduzem os encontros com professores da Educação Básica da rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro. Conforme o projeto previa:

Os encontros com os professores devem ser momentos de escuta de relatos orais de suas práticas didáticas de atividades de produção de texto propostas a crianças. Este exercício, que tem sido nomeado como análise de práticas, inscreve-se no paradigma de pesquisa do professor reflexivo e tem sido uma praxe em contextos internacionais em que a formação inicial tem um caráter oficial, relacionada diretamente à prática, em estágios de duração de dois anos, em que os futuros professores já têm turmas sob sua responsabilidade (ZEICHNER, K. SHULMAN, D. BUCHETON, D.). Durante estas discussões, um banco

¹ Além da coordenadora da pesquisa, atuaram como formadoras membros da equipe da pesquisa, tais como, principalmente, mestrandas e doutorandas, mas também equipes de ICs e outros professores convidados.

de dados de casos pedagógicos será levantado e será feito seu acompanhamento “clínico”. As produções escritas ou textos de crianças são a culminância necessária para este banco de dados. (ANDRADE, 2010)

Baseando-se no diálogo constante com e entre os professores participantes, sobre suas práticas dentro da sala de aula, o que encontrei quando cheguei foram encontros que se dividem em três momentos: o momento da recepção dos professores, o momento da leitura literária e o momento do estudo e/ou apresentação de prática.

O momento da recepção dos professores consiste no momento de chegada até a sala de aula. Há também o combinado de fazer lanches coletivos. O encontro se torna descontraído e prazeroso para os professores, que vêm para a universidade, participar de um espaço de formação continuada após um longo dia de trabalho. Organizamos uma mesa de fácil acesso para todos e os professores deixam suas contribuições para o lanche coletivo nela.

O momento da leitura literária é um momento voluntário, no qual os professores levam produções de literatura de que gostam ou que já tenham usado em suas aulas, para compartilhar com o grupo. Esse momento a cada semana tem sido feito por um dos professores. Trata-se de um momento de percepção das diversas possibilidades que um texto pode produzir, em que também se sensibiliza para como podemos ser tocados por uma leitura, de diferentes formas. Tal momento tem consistido em se perceber que um livro às vezes considerado de literatura infantil pode se encaixar em um momento de nossas vidas e nos surpreender, emocionar e cativar.

O terceiro momento, de estudo ou de apresentação de prática - de que trataremos mais à frente - consiste no debate sobre o texto de estudos previamente escolhido pela equipe/formador. Neste momento, gostamos de estar em roda e de ouvir as contribuições, as relações que fizeram da leitura do texto com o trabalho da docência, de pensar em sentidos atribuídos ao que foi proposto, sua apreciação, sua opinião positiva ou negativa, justificada, suas dúvidas. Quando há silêncio, não rendendo muito este debate, buscamos entender como uma resposta.

Ao planejar nossos encontros, vamos além da formação proposta por nós. Nosso planejamento é flexível e agregamos palestras, seminários, defesas de trabalhos e eventos que ocorrem as quartas-feiras para que haja um diálogo entre a nossa formação e outros estudos sobre a leitura e a escrita. Também abrimos nosso espaço para outras formadoras

que apresentam trabalhos inovadores no âmbito da leitura e da escrita fora, pois nosso foco não é apenas a teoria e sim uma metodologia teórico-prática que reverta o quadro atual de escritas docentes e discentes.

Ao longo dos semestres, tratamos de diversos temas como: oralidade, reescrita, alfabetização de uma perspectiva discursiva, registros das práticas, literatura infantil e outras demandas trazidas pelos professores, ao longo dos encontros, como foi o caso do preconceito linguístico e da nomeação da atuação de alguns professores como editores dos textos dos discentes.

Em 2017, demos início aos nossos encontros com quarenta e dois professores participantes, sendo trinta e nove ligados à rede pública de ensino e três ligados à rede particular. Deste número, quatro professores atuam com formação na Coordenadoria Regional de Educação, mais especificamente na 2º CRE, sendo uma delas atuante na sala de recursos e coordenação de uma escola municipal. Três professores atuam na Educação Infantil e trazem muitas contribuições sobre a construção da oralidade na fase inicial de escolarização. Um professor atua com Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Infantil.

Atentamos ao fato de que todos os professores já participaram de algum tipo de formação continuada, seja pela Secretaria de Educação (SME) ou por outras instituições públicas e privadas.

Atribuímos a construção de um grupo de formação sólido como o que temos atualmente, com participantes antigos e alguns sendo parceiros de trabalho, ao fato de que a demanda por formação continuada tem crescido à medida que o professor percebe a necessidade de um espaço para refletir sobre sua prática, um espaço onde haja o embasamento teórico associado à prática pedagógica, buscando novas leituras, ideias e a troca entre os pares, assim estabelecendo uma relação dialógica. Mikhail Bakhtin afirma que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348)

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Ao pensar sobre a metodologia aqui proposta, baseio-me nas minhas observações feitas nos encontros e no grupo de pesquisa, anotações registradas em caderno de campo, transcrições de áudios e vídeos, dados encontrados em dissertações e teses de VAREJÃO (2014), MONTEIRO (2014), ALVES (2015), LUCIO (2016) e DONDA (2016) produzidas por nosso grupo de pesquisa que fazem uso do EPELLE como campo empírico ou o citam. Dessa forma, a pesquisa apresenta caráter etnográfico através da observação presencial longitudinal feita ao longo de três anos.

Caracteriza-se como qualitativa ao buscar responder as questões mencionadas no resumo, destacando as particularidades do campo empírico apresentado e levando em consideração as experiências individuais de cada docente envolvido, prezando a aproximação entre formador e formando, pesquisador e campo empírico. Além disso, fez-se necessário uma análise documental das fichas de motivação e fichas de inscrições dos anos de 2016 e 2017 para traçar os perfis dos professores participantes.

Os trechos que destacaremos e analisaremos, que compõem o nosso texto de pesquisa foram retirados de entrevistas coletivas elaboradas por mim, realizadas em 5/10/2016 e 16/10/2017 com o intuito de contribuir para a construção de trabalhos acadêmicos para as 37^a, 38^a e 39^a Jornada de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC) além da produção de artigos acadêmicos, um deles publicado na revista do Fórum de Ciência e Cultura, intitulado “Reflexões sobre a formação continuada docente: a autoria na prática” e o segundo, intitulado “O processo de autoria docente: o EPELLE como formador de professores autores”, a ser publicado em 2018 na mesma revista.

Optamos por utilizar os nomes próprios dos professores entrevistados, permitido por eles, considerando que nossa pesquisa envolve sujeitos que ao escreverem e publicarem, como é o objetivo de nossa pesquisa e da formação oferecida, tornam-se antes de tudo autores, com nomes próprios. Também os concebemos como donos de suas próprias histórias, produtores assim de cultura, além de professores que se tornaram autores de seus enunciados. O anonimato desconsideraria estas suas identidades e de certa forma apagaria quem são eles docentes, fato que seria incongruente com os moldes da nossa pesquisa.

Todos os discursos de professores foram transcritos, para poderem ser analisados como enunciados, e percebidos ou aproximados pelo menos, em sua enunciação, isto é, um lugar de fala ocupado, com a singularidade de cada um.

Realizar uma pesquisa focalizada na produção discursiva, seja ela de docentes ou discentes, é abordar o caráter político de transformação do que já existe. Dar voz ao docente, empoderar, significa estar formando discentes leitores, escreventes e consequentemente fortalecidos por experiências escolares mais enriquecedoras.

Ao pensar sobre a relevância do estudo aqui apresentado, optei primeiramente por analisar artigos, disponíveis na plataforma de busca Scientific Eletronic Library Online – SciELO, banco de dados bibliográfico brasileiro de acesso aberto com o objetivo de popularizar as produções científicas, utilizando as palavras-chave formação docente, autoria, identidade e docência. Limitei os resultados aos artigos brasileiros.

Ao pesquisar sobre formação docente, encontram-se 259 artigos que tratam das mais diversas áreas e atribuem à palavra docência o sentido de ser professor. Quanto à autoria, encontrei 440 artigos brasileiros tratando da autoria de forma geral, a maioria deles ligados à produção textual, não como algo autoral no sentido de único, novo. A busca por identidade foi ainda maior, apresentando 2.982 artigos trazendo o conceito como característica de nos distingue um dos outros ou do que é idêntico. Os resultados de docência apresentam 588 artigos com temas amplos como profissionalização, didática, docência no ensino superior e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

Tais resultados assim tão amplos, não puderam ser recortados, mas já podem nos permitir avançar e refletir que ainda há um distanciamento entre os pesquisadores que produzem formações continuadas voltadas para professores e as demandas escolares. Visto que, as publicações relacionadas ao tema baseam-se em pesquisas quantitativas e deixam de lado o “chão” da escola. Precisamos ter um olhar sensível no planejamento destes espaços para que produzam efeitos reais, conforme afirma Andrade (2004):

Se ao buscarmos conhecer o professor, sua identidade e seu saber, nós, pesquisadores envolvidos com a formação de professores, temos assumido que este último é diferente do conhecimento científico da pesquisa e temos buscado ouvir a ‘voz do professor’ como outra voz, diferente daquela dos pesquisadores, cria-se aí um perigo a se evitar”.
(p.88)

Os autores selecionados para o embasamento deste trabalho foram estudados ao longo do percurso enquanto bolsista de iniciação científica e ao longo da graduação. Destacamos enunciados daqueles cujas ideias expressavam o resultado da formação em que apostamos, tratando-se de efeitos sobre a sua identidade docente, enquanto processo contínuo, os que dialogaram entre si e assim retratam o professor que passou a ser autor de sua prática pedagógica, a grande justificativa de nosso projeto.

O trabalho apresentado tem seu foco no processo de autoria docente, constituído a partir de uma perspectiva dialógica, que faz as identidades docentes irem se alterando, num processo de trocas entre pares e entre formadores e formandos, no qual os discursos similares e/ou próximos se encontram e florescem, para de novo encontrarem-se e florescerem.

2.1 O CONTEXTO E OS DADOS

Desde 2011, o EPELLE se mantém com as suas características mais marcantes: dar voz ao professor, valorizar o que é produzido na e pela escola e promover o empoderamento de suas práticas, tornando-os professores autores. Segundo Tardif (2002), torna-se muito produtivo para formadores valorizar aquilo que é produzido no “chão” da escola, os saberes da experiência. Para este pesquisador do tema da formação de professores, frequentemente ensinam-se teorias que foram concebidas sem a realidade do cotidiano do professor, que não representam nenhum valor simbólico ou prático para os docentes em formação. Os saberes (dos) docentes só serão adquiridos no cotidiano, na troca diária.

A partir da análise documental dos dados desde 2011, pude contabilizar que cento e quarenta e sete professores foram participantes deste espaço aqui problematizado. Cada um cumpriu seu tempo, seu período, diferentemente, alguns permanecendo durante todo o tempo, outros retomando após um período de ausência. Dentre eles, atentamos para o fato de que a professora Simone Werneck, concursada do município do Rio de Janeiro e docente em uma escola pública na comunidade da Maré está presente desde o início dos encontros.

Durante os três anos que acompanhei os encontros, pude perceber a movimentação dos professores em relação à presença e à propaganda, para os colegas docentes. Em 2015, comecei a minha observação em abril e o grupo já havia iniciado os encontros. Tínhamos uma média de 15 professores, dentre eles, professores da rede federal e municipal do Rio

de Janeiro. Os professores que chegavam ao grupo geralmente eram conhecidos de outros que já participavam/já haviam participado, de acordo com dados encontrados nas dissertações e teses de Cruz (2014), Monteiro (2014), Orofino (2016) e Alves (2015) e nos meus registros em caderno de campo.

Em 2016, mudamos a proposta de divulgação e reinvestimos de outras formas. Divulgamos os encontros em redes sociais, entre professores, nas coordenadorias regionais de educação e no site do LEDUC. Passamos ao total de quarenta e seis inscritos para os encontros e quarenta e dois professores presentes no primeiro dia do encontro. Após, continuamos com a média de 32 participantes por encontro. Deste grupo, vinte e sete professores era professores da rede pública e cinco da rede privada, sendo 3 professores ligados à Educação Infantil.²

Em 2017, não investimos na divulgação por conta do grupo de professores que já participava. Costumamos dizer que uma vez epelleano, para sempre epelleano. Ou seja, os professores que já participam/participaram ocupam as vagas e após isso, abrimos as inscrições para os demais. Para nossa surpresa, neste ano, surgiram coordenadores de escolas municipais e professores ligados à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) dispostos a levar o que tem sido produzido pela universidade para outros espaços, de forma que o conhecimento esteja cada vez mais em circulação, fato que nos motiva a continuar e a estar em constante aperfeiçoamento.

A troca existente no EPELLE, além de contribuir para os saberes da experiência dos professores, também promove o empoderamento sobre a sua prática, tornando os professores autores. Destacamos aqui a fala de uma das professoras participantes do ano de 2016, Ana Claudia, professora da rede pública do Rio de Janeiro, trabalhando em uma escola da zona norte, sobre o sentido que atribui ao verbo empoderar, com o qual concordamos:

É no sentido de te empoderar. De te dar poder. Mas não poder no mal sentido. O poder de você fazer e de refletir sobre o que você tá fazendo. É ter embasamento. É no sentido de te empoderar. De te dar poder. Mas não poder no mal sentido. O poder de você fazer e de refletir sobre o que você tá fazendo. É ter embasamento.³

² Dados encontrados nas fichas cadastrais dos professores participantes.

³ Dados retirados de entrevista coletiva realizada em 05/10/2016 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com professores participantes do EPELLE.

Nosso encontro é composto por diversas vozes, que se interconstituem, e isso nos deu força para conquistar um novo espaço, plenamente, o da extensão universitária. Em 2016, o EPELLE tornou-se um curso de extensão da UFRJ, alçando voos ainda maiores.

De acordo com Nóvoa (1992), a prática por si só não forma. O que forma é a reflexão sobre a experiência e a prática. Dessa forma, podemos destacar dois modelos: o modelo estrutural e o modelo construtivo. O modelo estrutural baseia-se no caráter instrutivo, geralmente oferecido nas formações iniciais em escolas e universidades. É fundamentado na racionalidade técnico-científica, centrado na transmissão de conhecimentos, no controle de frequência e desempenho, estimulando a competitividade e não levando em consideração os contextos profissionais dos professores em formação. Já o modelo construtivo parte de reflexões interativas e contextualizadas, articulando teoria e prática, formandos e formadores. Prevê avaliações e autoavaliações do desempenho dos envolvidos, implica uma relação em que formadores e formandos são colaboradores. O contexto é de cooperação, em que todos são corresponsáveis pela resolução dos problemas práticos. O EPELLE se encaixa neste modelo de formação.

Na busca e construção do professor autor, as apresentações de prática também fazem parte de uma das características mais marcantes dos nossos encontros. Para os formadores, é um momento de grande ansiedade e de oportunidade de ver a relação entre aquilo que está sendo proposto com as práticas elaboradas em sala de aula, além de uma aproximação maior com o docente que irá apresentá-la. Podemos pensar em três momentos importantes, a desenvolver: antes, o momento de planejamento e projeção do que poderá vir a ser; durante, quando estamos imersos nos acontecimentos, em plena produção de discursos; e depois, quando nos distanciamos da cena da formação e refletimos e (re)enunciamos o que foi importante, proveitoso, dificultoso etc.

Costumamos organizar este momento de forma voluntária, pois os professores podem escolher em qual data acontecerá. Após o agendamento, as formadoras auxiliam na organização daquilo que será apresentado. O professor escolhe os materiais que irá levar e qual a relevância da atividade/projeto escolhido para o grupo do EPELLE.

A apresentação é livre, podendo ser organizada em PowerPoint, cartazes, filmes, fotos, materiais produzidos pelos seus alunos ou apenas oralmente. Geralmente, dedicamos um dia de encontro para cada professor para que ele se sinta à vontade, acolhido pelo grupo e livre de julgamentos. Lutamos para que o EPELLE seja um espaço

construído com eles e para eles e que este momento de apresentação tenha mais um caráter de conversa em roda do que uma apresentação de seminário.

Após a apresentação, ou eventualmente durante, o grupo conversa sobre aquilo que foi visto, faz questionamentos, sugestões, tira dúvidas sobre o contexto escolar e as formadoras também. É o momento quando não há dissociação entre teoria e prática, pois a teoria embasa as práticas pedagógicas. Todo esse processo tem a finalidade de produzir um artigo onde o professor irá publicá-lo.

Concebemos que as apresentações de prática vão além da escrita de artigos e da troca entre os pares, são construções de enunciados, unidade de análise das relações discursivas que buscamos, são entrelaçamentos de várias vozes. Mikhail Bakhtin define enunciado como:

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKHTIN, 2003, p.300)

Em entrevista realizada em cinco de outubro de dois mil e dezesseis com os professores participantes da época, obtivemos a seguinte resposta, quando perguntados se se sentiram autores (as) de sua prática, ao apresentá-la. A resposta da professora Silvia, concursada do município do Rio de Janeiro e atualmente professora em uma escola na comunidade da Rocinha é bastante elucidativa do sentimento dos professores:

Achei bem construtivo. Só estimula a escrever mais. Eu acho que fortalece o professor. Primeiro que como eu falei, eu sou meio dispersa. Tenho dificuldade de registrar. Às vezes eu to dando aula e digo caramba, não registrei isso. Eu acho que quando você vai em um encontro assim te faz te obrigar a lembrar das coisas, a sistematizar. E depois quando você escreve, você retoma autores. Quando você apresenta, no meu caso, eu achei bastante fortalecedor. Eu acho que enriquece.⁴

Podemos afirmar a partir da resposta da professora Silvia de que as apresentações de prática propõem a reflexão. Contudo, ao refletir sobre sua prática, o

⁴ Dados retirados de entrevista coletiva realizada em 05/10/2016 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com professores participantes do EPELLE.

Quando você me pediu, eu me lembrei que eu pedi o máximo que eu podia, eu estiquei aquilo até.... Primordialmente pra eu tomar coragem. Eu precisava tomar coragem. Vocês não estavam entendendo o quanto é difícil estar ali (...) O tempo todo você pensa assim: Será que é isso efetivamente? Não é ser bom ou ruim no sentido... é no sentido de te empoderar. De te dar poder. Mas não poder no mal sentido. O poder de você fazer e de refletir sobre o que você tá fazendo. É ter embasamento. Por isso que eu acho legal a gente voltar pros textos teóricos. Eu acho que isso dá subsídio pra gente fazer isso aí.

[illegible]

CAPÍTULO 3

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre as pesquisas sobre formação docente, algumas abordagens metodológicas têm optado pela prática da formação pela pesquisa, ou a pesquisa-formação, que pode ser explicada como um método formativo inovador, conscientizador e desalienador, visto que o pesquisador está inserido no campo e passa a ter relação com os envolvidos. Neste tipo de pesquisa, cuja finalidade é priorizar a formação além da coleta de dados, os sujeitos inseridos são abertos a propor estratégias, com intuito de uma intervenção. Este tipo de pesquisa, conforme já mencionado, tem um papel social, pedagógico e político.

A pesquisa-formação pode ser definida como sendo uma metodologia que concorre para instaurar a possibilidade de mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação. Assim, os envolvidos são ao mesmo tempo objeto e sujeito da formação (NÓVOA, 2004). A intenção de uma pesquisa-formação em um espaço de formação continuada como o EPELLE forma não apenas graduandos, mestrandos e doutorandos envolvidos na equipe que paralelamente desenvolvem suas pesquisas, mas forma também o professor-pesquisador inserido na sala de aula que reflete sobre a formação docente.

Diante das novas demandas dos professores, temos um crescimento acerca da formação dos professores brasileiros, afirmando a importância da formação continuada para a atual política de educação nacional. Conforme afirma Andrade (2008):

Um fato observável relacionado à formação docente é que crescentemente, em intensidade e em qualidade, a universidade participou das ações políticas de formação continuada, como ator fundamental, responsável pelo planejamento, coordenação de execução e até mesmo como formadora. Além desta participação, ou como sua consequência inevitável, o tema da formação de professores no Brasil ganhou, dentro do processo histórico acima mencionado, um lugar prioritário como objeto de suas pesquisas. Ganhava-se um novo espaço social, anteriormente não existente, que se acrescia à formação inicial. (ANDRADE, 2008, p. 02)

Órgãos governamentais como o Ministério da Educação têm apresentado propostas que visam reduzir o fracasso escolar das classes populares através do investimento no profissional docente. Dentre estes programas⁵, podemos destacar o

⁵ Programas destacados a partir da lista disponível no site do Ministério da Educação. Foram destacados os programas que apresentam foco no docente (ou no futuro docente) e em práticas pedagógicas inovadoras. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=15944> (Acesso em 21/03/2018)

Programa de Formação Inicial e Continuada, Presencial e a Distância, de professores para a Educação Básica (PARFOR) que busca a colaboração das secretarias de Educação de estados e Municípios e das Instituições de Educação Superior local a fim de oferecer cursos de formação emergencial para preencher as demandas indicadas nos planos estratégicos elaborados pelos Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), criado com a finalidade de valorizar o magistério por meio de estudantes de licenciatura plena de instituições públicas federais, estaduais e municipais a fim de inseri-los no cotidiano de escolas da rede pública, além de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador a fim de suprir problemas de ensino-aprendizagem e o Programa de Consolidação das Licenciaturas (Prodocência), que oferece apoio financeiro a instituições federais de Ensino Superior para que se invista nos estudantes de licenciatura, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem dos mesmo.

Todos os programas aqui destacados ainda estão em vigência. Vale ressaltar que os programas aqui citados apenas exemplificam o que vem sendo produzido, pensado, planejado e executado em relação a temática da formação docente com base nas políticas públicas, sem o intuito de problematizá-los.

Ao pensar na formação continuada como um processo coletivo, podemos afirmar que o EPELLE é um espaço dialógico onde não há apenas uma única voz responsável pela formação e detentora do saber. É um espaço que fomenta a produção de saberes e de escritas docentes valorizando a autonomia, a criatividade, o diálogo e a reflexão. Conforme afirma Donda (2016):

Conceber a formação continuada de professores a partir de uma perspectiva que desloca o caráter exclusivamente acadêmico (que prevê excesso de teorias e a oferta de materiais didáticos formatados) para uma posição periférica destes conhecimentos, que centraliza o professor enquanto sujeito, viabilizando seu desenvolvimento profissional, pessoal e organizacional (escola), é um desafio para os que a pensam e/ou a executam. Esse desafio consiste em compreender a formação continuada como processo centrado no sujeito professor e não em teorias ou didáticas. O sujeito não prescinde entretanto do Outro – professor, aluno, teoria, formador –, porém, a formação continuada docente ganha sentido na experiência viva de cada professor, materializada em suas enunciações.

Na concepção de nosso grupo de pesquisa, os saberes dos indivíduos são sociais, não havendo dissociação entre suas histórias e vivências, que constituem o “ser professor”

com outros sujeitos. Para Maurice Tardif (2002), os saberes dos professores são plurais e temporais. Plurais, pois estes saberes estão ligados a diversos fatores disciplinares, curriculares e profissionais. Temporal porque estão relacionados aos contextos, as histórias de vida, a escolha profissional. Conforme afirma o autor:

Ora, um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

Ao analisar a questão da autoria, baseada nos conceitos de Foucault, o autor afirma que o texto não precisa de ninguém para ser interpretado, pois quem fala em um texto não são os autores ou leitores e sim a linguagem. Michel Foucault não se prende a ideia de que importa quem fala, mas sim a ideia de que importa o que se fala. O autor defende a tese de que o sujeito autor “morre” a medida que escreve, pois uma vez escrito, o texto passa a ser por si mesmo, independentemente da intenção do autor ou do leitor. Destacamos abaixo um trecho do autor que reafirma o que foi dito anteriormente:

A escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele é consumado na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor. Vejam Flaubert, Proust, Kafka. Mas há outra coisa: essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. (FOUCAULT, 2011, p.88)

Para Foucault, a autoria é discursiva. Dessa forma, na concepção foucaultiana, ser autor é ter posição discursiva, isto é, ter posição em relação às palavras de quem as enuncia. Sendo assim, concebemos a autoria como processo em construção atrelado à singularidade de quem escreve.

CAPÍTULO 4

DA IDENTIDADE À AUTORIA

4.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Pensar sobre a identidade docente implica em refletir que esta não traduz uma essência, algo pronto, mas sim uma construção contínua, um processo de identificação, mais do que de identidade fechada. Não existiria, assim, uma identidade a ser enunciada tal como: “eu sou professora”. Acreditamos que possa haver uma constante socialização por dentro de uma formação como o EPELLE, espaço onde os professores se identificam e se constituem. Nesta perspectiva assim concebida, portanto, no EPELLE o termo somente pode ser pensado no plural, ou seja, as identidades, pois não há uma característica única para o grupo e sim características identitárias.

Segundo Dubar (2005), a identidade é uma “construção pessoal de uma estratégia identitária que mobiliza a imagem de si, a avaliação de suas capacidades e a realização de seus desejos” (p.150), sendo construída assim, com base em suas identificações criadas na e pela profissão. Dessa forma os sujeitos participantes se constituem identitariamente na diferença e na proximidade uns em relação aos outros, porque constituem-se na relação com o outro.

Segundo Gatti (1996), fatores como a motivação, os interesses, as expectativas e as atitudes consistem em elementos multideterminantes para a construção da identidade docente. A autora afirma que:

O professor não é uma entidade abstrata, um protótipo idealizado como muitas vezes o vemos tratado na pesquisa (...). Ele é uma pessoa de um certo tempo e lugar. Datado e situado. Fruto de relações vividas, de uma dada ambiência que podem ou não ser importantes para sua ação profissional. E é assim que precisa ser compreendido. Os professores têm sua identidade pessoal e social que precisa ser compreendida e respeitada. (GATTI, 1996, p. 88)

De acordo com Monteiro (2014):

Entrelaçando a constituição da identidade docente e a formação, seja ela inicial e continuada, cabe ressaltar que as experiências e interações, assim como as histórias pessoais dos sujeitos são elementos indissolúveis da construção da identidade profissional.

Sendo assim, destaco a seguir a fala da professora Isis, concursada na rede municipal do Rio de Janeiro, regente em uma comunidade na Zona Norte sobre o seu processo de construção identitária:

Eu busquei o EPELLE com objetivo de aprender, porque a alfabetização é uma área que eu não tenho muito conhecimento, até na prática mesmo. Eu entrei já pegando uma turma de 5ª ano. Então, eu tive uma experiência em que a minha diretora me explicou o que seria alfabetizar, como se fosse assim, do iníciozinho mesmo... Eu até expliquei para ela que não tinha experiência com alfabetização e foi um desafio. Eu me propus esse desafio. Perceber o avanço dos alunos me encantou nessa área. Então, quando eu descobri o EPELLE foi em busca de conhecimento e aprendizagem. Além de aprender com os outros, de me constituir.⁶

4.2 O PROCESSO DE AUTORIA

No EPELLE, almejamos que os professores possam ser autores de sua prática. Para que isto possa vir a se dar, é importante que se sintam bastante autônomos para defendê-las nos debates e apresentações e posteriormente nos textos que escrevem como resultado do amadurecimento de ideias iniciais.

Em entrevista coletiva realizada em 18/10/2017, uma das perguntas feitas por mim enquanto entrevistadora foi: Vocês se sentem professores autores? As respostas foram variadas, com um ponto em comum, os professores participantes chegaram à conclusão de que não há professor autor sem aluno autor. Destaco abaixo a fala de três professoras do município do Rio de Janeiro sobre o processo de autoria docente. Queiti é professora concursada de um Espaço de Desenvolvimento Infantil – EDI em uma comunidade na zona norte. Denise é concursada e ministra aulas na Zona Oeste. Raquel também é concursada e ministra aulas na Zona Norte.:

A gente se sente um pouco que não tem dado conta desse trabalho de ser professor nos dias de hoje (...) Porque eu sentia essa necessidade de querer defender uma prática mas não ter muitas palavras pra usar em momentos de centro de estudo, principalmente... Mas um trabalho quando a gente ouve, tem que ter um por que. Por que não é legal trabalhar dessa forma? Me faltava essa teoria. De poder dialogar com o colega e tentar mostrar... Queiti⁷

Eu fico sempre pensando nessa questão de autoria mas eu não consigo me enxergar autora sem antes enxergar o meu aluno. Então assim, quando eu penso em autoria, eu penso muito neles. E quando eu os vejo como autor, aí eu me enxergo com essa autoria. Mas não sei, eu tenho essa dificuldade. Eu não consigo me enxergar tanto. Eu enxergo os meus

⁶ Dados retirados de entrevista coletiva realizada em 18/10/2017 na Universidade Federal do Rio de Janeiro com professores participantes do EPELLE.

⁷ Dados retirados de entrevista coletiva realizada em 05/10/2016 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com professores participantes do EPELLE.

alunos como autores. Então é assim, nesse caminho de autoria, eu vejo muito eles. E a partir dali eu me vejo. Denise Resende⁸

Eu também vejo a importância do aluno na sala de aula. Ele é o personagem principal. Quando a gente pensa em autor e nisso tudo, ele é o protagonista. Então na verdade a autoria da prática, da minha prática, ela não tá fechada. Ela tá sempre em construção e aberta porque eles são os principais, eles é que vão conduzindo tudo no processo. Eles que vão despertar as curiosidades, vão trazer a vida da sala de aula. Então acho que pra gente, nós, professores, nos vemos enquanto autores, as vezes dá um certo espanto... Também por uma ideia errada de que autor é aquilo que tá fechado, acabado e não é. E principalmente porque a gente coloca o aluno no lugar do aluno, ele é o principal, a estrela. Raquel (informação verbal)⁹

A divulgação e publicação da escrita sobre suas práticas ainda encontra espaços muito exíguos. Na concepção de Bakhtin, podemos dizer que não há esferas propícias a este tipo de publicação profissional (Bakhtin, 2002). Dessa forma, a equipe de planejamento mantém-se atenta a estes espaços.

Em 2016, foi publicado o volume especial com onze relatos de experiências da Revista Práticas de Linguagem da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), revista eletrônica do grupo FALE – Formação de Professores, Alfabetização, Linguagem e Ensino, localizado na Faculdade de Educação da UFJF. De circulação semestral, a revista é um veículo de divulgação de relatos de experiências e práticas.¹⁰

Além disso, o EPELLE rende frutos fora dos meios acadêmicos como a página na rede social Facebook da professora Naara Maritza, professora de uma escola pública na comunidade da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, intitulada “Diário de Bordo”¹¹ Nela a professora registra em imagens e textos as práticas pedagógicas desenvolvidas por ela em uma turma de alfabetização.

No site do RioEduca, é possível encontrar a publicação do livro “Meu bichinho de estimação” elaborado pela professora Silvia Kirschbaum junto aos seus alunos,

⁸ Dados retirados de entrevista coletiva realizada em 18/10/2017 na Universidade Federal do Rio de Janeiro com professores participantes do EPELLE.

⁹ Dados retirados de entrevista coletiva realizada em 18/10/2017 na Universidade Federal do Rio de Janeiro com professores participantes do EPELLE.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/edicoes-2/edicoes/volume-5-n-2/>. (Acesso em 21/03/2018)

¹¹ Disponível em <https://www.facebook.com/diariodebordoalfabetizacao> (Acesso em 21/03/2018)

também professora na comunidade da Rocinha, Zona Sul do Rio de Janeiro.¹² As duas professoras, juntamente da professora Eliza Aparecida, lotada em uma escola pública na comunidade do Jacaré, Zona Norte do Rio de Janeiro apresentaram seus trabalhos no Congresso REDE FORMAD que aconteceu em 2017 no México. As professoras Denise Resende e Ludmylla Meirelles também levaram suas práticas para além dos muros da UFRJ, apresentando seus trabalhos no IV Colóquio de Letramentos, linguagem e ensino, que aconteceu no mesmo ano.

4.3 A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO CONTINUADA E A AUTORIA DOCENTE

Cremos, portanto, que para que os professores se tornem autores, deve haver um atravessamento de alteridades sobre si, que vem não só pelos seus alunos, como também uns pelos outros (docentes entre si), bem como ainda, pelos formadores. Acreditamos, nessa perspectiva, que a escrita dos professores é uma forma de vivência de suas experiências e práticas. A leitura e a escrita são práticas sociais que variam segundo o contexto e são práticas de formação, já que de acordo com Street (2006), o letramento acadêmico procura dedicar atenção especial “às relações de poder, autoridade, produção de sentidos e identidades que estão implícitas no uso de práticas de letramento em contexto institucionais específicos” e não apenas às habilidades linguísticas ou a socialização do autor em disciplinas específicas.

¹² Disponível em <http://www.rioeduca.net/blogViews.php.?bid=14&id=5826> (Acesso em 21/03/2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada quarta-feira, chegava aos encontros não apenas para honrar com o compromisso enquanto bolsista de iniciação científica, mas sim para aprender com os conteúdos compartilhados e com muita curiosidade de conhecer a realidade das salas daquelas professoras que relatavam de peito aberto o que construíam enquanto docentes. Agora, na posição de colega de profissão, entendo o brilho nos olhos de cada uma ao chegar aos encontros assim como entendo a importância de um espaço onde a voz do professor é ouvida com o intuito de aprender com ela.

Ao pensar sobre o processo de alfabetização, é sabido sua complexidade escolar e as particularidades desta etapa de formação. As formações continuadas que têm como temática a leitura e a escrita não devem considerar a escrita dos docentes isoladamente e nem como resultado de uma etapa bem-sucedida, apenas. A escrita discente precisa estar entrelaçada e ser considerada em articulação com as ações do docente, que produz os discursos que possam justifica-las e compreendê-las, fato que legitima a importância destes espaços de troca.

Após a pesquisa aqui apresentada afirmamos que a formação continuada precisa ser um processo construído no cotidiano escolar de forma constante e contínua, com base nas reflexões sobre as suas próprias ações, considerando que o trabalho docente é uma profissão dinâmica e cercada de influências internas e externas.

Concebemos que a partir de uma formação continuada como o EPELLE e de certas formas de intervenções propostas junto aos docentes, é possível alterar sua identidade profissional. Para isso, inicialmente é preciso compreender o aluno de escola pública e suas lógicas de aprendizagem, que são reflexos de suas formas de socialização da cultura na qual está inserido. A partir dessa compreensão, modificar-se-ão os planejamentos e os resultados das avaliações escolares.

A escola, aqui sendo concebida como um todo, precisa reafirmar sua voz enquanto lugar de formação da construção do conhecimento e da vida em sociedade. Este processo torna-se possível a partir do fortalecimento de sua base: os docentes e os discentes. Não é apenas um processo de dar a voz no sentido de fala, é a construção da voz com base naquilo que vem se instaurando institucionalmente através de formações como o EPELLE, tornando os docentes aptos a tornarem-se autores de discursos interessantes e relevantes a serem publicizados com seus pares, de forma que mais sujeitos sejam tocados por essa consciência dialógica.

Torna-se necessário ressaltar a necessidade de maiores parcerias entre as escolas de Educação Básica e as universidades, visto que uma das dificuldades dos professores em estar presente nestes espaços se dá por conta dos horários, que muitas vezes não contemplam a todos os professores. Precisamos ir além do planejamento de conteúdos quando pensamos em uma formação continuada para docentes, temos que levar em consideração a logística também.

O processo de autoria docente e o processo de identidade estão ligados ao coletivo e a socialização entre os sujeitos envolvidos e daquilo que é produzido. Dessa forma, o EPELLE é composto por sujeitos multifacetados, mas com a perspectiva que o nosso grupo de pesquisa acredita, de dar voz ao professor, a autoria se produz. Aqui consideramos um sujeito que se constitui na e pela linguagem. Um sujeito de resposta, responsivo, no qual sua autoria está ligada ao outro;

O professor que participa de uma formação como o EPELLE, passa a ver no texto do seu aluno o seu trabalho, ancorado na junção entre aquilo que foi proposto na formação inicial e a proposta da formação continuada. No caso do campo empírico apresentado neste trabalho, o mesmo movimento acontece com os formadores, que não são os detentores do conhecimento, constitui-se nos encontros de formação continuada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Bruna Molisani Ferreira. **Palavras que contam: discursos de professoras em formação sobre o trabalho com a linguagem na educação infantil.** Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ANDRADE, L. T. & LIMA, M. B. Q. **Formação continuada de professores: a constituição de autores pela interlocução.** In: Diálogos sobre diálogos. Niterói, 2008.

ANDRADE, Ludmila Thomé de. **As (im)possíveis alfabetizações de alunos de classes populares pela visão de docentes na escola pública.** Projeto de Pesquisa CAPES/OBEDUC 2010.

ANDRADE, L. T. **Novos espaços discursivos na escola.** Revista Pátio Ensino Fundamental, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes. 2003.

DONDA, B. **A constituição da autoria docente em processos de formação continuada de professores alfabetizadores.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

DUBAR, Claude. **A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: QUEIRÓS, Sônia. **O que é um autor? De Michel Foucault: duas traduções para o português.** Belo Horizonte: FALEQ/UFGM, 2011.

GATTI, Bernardete A. **Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade.** Cadernos de Pesquisa. N. 98, 1996

LUCIO, Elizabeth Orofino. **A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita.** 2 f. Tese. Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

MONTEIRO, Fernanda I. **Professor alfabetizador: identidades, discursos e formação continuada.** Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VAREJÃO, Joana d'Arc Souza Feitoza. **Formação continuada e práticas de leitura e escrita com alunos de classes populares: do dialogismo aos gêneros, a responsividade docente**. 253f. Tese. Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.